



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

## **SENSIBILIZAÇÃO ESTÉTICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: DISCUSSÕES EM TORNO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

### ***RAISING AESTHETICS IN GEOGRAPHY LESSONS: DISCUSSIONS AROUND THE ENVIRONMENTAL EDUCATION***

(Recebido em 06-08-2016; Aceito em: 03-08-2017)

**Carina Copatti**

Doutoranda em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul -UNIJUÍ  
c.copatti@hotmail.com

### **Resumo**

A abordagem da Educação Ambiental nas instituições escolares tem se mostrado de extrema importância na atualidade, isso se deve principalmente ao aumento das preocupações em relação às consequências da ação humana sobre o espaço ocupado e ao uso inadequado dos recursos naturais. Sendo assim, este artigo tem como objetivo trazer ao debate algumas considerações sobre possíveis contribuições da Educação Estética na abordagem da Educação Ambiental em aulas de Geografia, no Ensino Fundamental. Parte-se do seguinte questionamento: De que maneira a Educação Estética pode auxiliar nos estudos sobre Educação Ambiental? Que contribuições traz para as aulas de Geografia e para a conscientização dos educandos? Compreende-se que, no contexto atual, de transformações intensas no espaço geográfico e nas relações humanas, tanto em sociedade, quanto nas interações nos ambientes de aprendizagem, há a necessidade de criarmos momentos de diálogo e reflexão, incentivando os alunos a sensibilizar-se, ampliar o olhar para perceber, sentir e relacionar-se de maneira mais consciente com o espaço geográfico. Nessa perspectiva, o presente artigo, traz contribuições de autores como Nérici (1985), Loureiro (2007) e Segura (2001), a fim de debater a Educação Ambiental no contexto contemporâneo; num segundo momento procuramos refletir em relação à Educação Estética como possibilidade para a sensibilização dos alunos em relação aos estudos de Educação Ambiental, a partir de contribuições de autores como Ormezzano (2007) e Duarte Jr. (2006) e, por fim, trazemos algumas possibilidades de sensibilização por meio de possibilidades de ensino e aprendizagem dessa temática nas aulas de Geografia. Os dados empíricos foram obtidos por meio de oficinas pedagógicas realizadas em uma turma de alunos de 9º ano de uma escola do campo de um município localizado no norte do estado do Rio Grande do Sul e resulta em reflexões possíveis a partir de registros fotográficos e observações realizadas durante as aulas, na interação professor-alunos e durante a apresentação dos trabalhos no ambiente escolar.

**Palavras-Chave:** Educação Ambiental. Ensino da Geografia. Educação Estética. Sensibilização.

### **Abstract**

*The approach to environmental education in schools has proved extremely important in the present, it is mainly due to increasing concerns about the consequences of human action on the space occupied and the inappropriate use of natural resources. Thus, this article aims to bring the discussion some considerations on possible contributions of Aesthetic Education in the Environmental Education approach in geography classes in elementary school. Part is the following question: How aesthetics Education can help in the study of environmental education? What contributions brings the geography lessons and the awareness of the students? It is understood that, in the current context of intense changes in geographic space and human relations both in society and in interactions in learning environments, there is a need to create moments of dialogue and reflection, encouraging students to sensitize, broaden perspectives to see, feel and relate more consciously with the geographical space. In this perspective, this paper has articles by authors like Nérici (1985), Loureiro (2007) and Segura (2001), to discuss environmental education in the contemporary context; a second time try to reflect in relation to Aesthetic Education as an opportunity to raise awareness of students in relation to environmental education studies, from contributions of authors like Ormezzano (2007) and Duarte Jr. (2006) and finally bring some awareness of opportunities through education and learning possibilities this theme in Geography lessons. Empirical data were obtained through educational workshops on a 9th grade students of class of a school field a municipality located in northern Rio Grande do Sul state and results in possible reflections from photographic records and observations during class, the teacher-student interaction and during the presentation of the work at school.*

**Keywords:** Environmental Education. Teaching Geography. Aesthetic Education. Awareness.

### **Introdução**

Os debates que tem como foco as questões ambientais têm tomado proporções bastante notáveis na contemporaneidade. Entretanto, apesar de inúmeras discussões e alertas sobre a problemática que se intensifica, verifica-se, ainda, inúmeras dificuldades na abordagem da Educação Ambiental nas instituições de educação básica, o que é recorrente também nas medidas de conscientização em relação à responsabilidade humana pelas transformações no espaço ocupado. Diante dessa situação, considera-se pertinente refletirmos em relação à sensibilização dos alunos, a fim de que tornem-se cidadãos conscientes de sua atuação enquanto agentes transformadores do espaço.

No ambiente escolar, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, uma série de atividades são realizadas com o intuito de estimular nos alunos pequenos maior cuidado com o meio ambiente. Todavia, logo as crianças crescem e, nos anos finais do ensino fundamental, na maioria das escolas, as propostas de intervenção ambiental tornam-se mais escassas, visto que há outros componentes curriculares a serem trabalhados e novos conteúdos a serem abordados, dificultando a continuidade das discussões e propostas que atentem com mais afinco para as questões ambientais.

Diante disso, considera-se que as instituições escolares e seus protagonistas têm papel central no desenvolvimento de ações continuadas sobre este tema, que auxiliem na formação de uma sociedade

mais comprometida com a Educação Ambiental. Isto posto, partimos das seguintes questões, as quais norteiam a reflexão: Que contribuições a Educação Estética pode trazer para a Educação Ambiental? De que maneira, nas aulas de Geografia, pode contribuir para a sensibilização e conscientização dos alunos?

São questões que exigem constantes reflexões e possibilitam reavaliar ações, repensar atitudes e acreditar que há sim possibilidades para que a conscientização dos alunos seja ampliada. Para tanto, defende-se que a educação escolar, por meio da sensibilização estética, pode contribuir para a conscientização e para a formação cidadã, através de ações que aproximem os educandos, tornando-os agentes de transformação social.

No decorrer do presente artigo, apresentam-se algumas reflexões sobre a Educação Ambiental, a partir de referenciais teóricos de autores como Nérici (1985), Loureiro (2007) e Segura (2001), além de outros autores que abordam o ensino de Geografia e a Educação Estética. Ainda, através de oficinas pedagógicas realizadas em uma turma de 9º ano de Ensino Fundamental, em uma escola do campo, localizada no município de Charrua/RS, tornou-se possível ampliar a reflexão sobre o tema proposto; Os dados foram obtidos através de fotografias e observações realizadas no decorrer das atividades, além de sua apresentação no ambiente escolar, culminando com a criação de ambientes temáticos na escola do campo, que tornaram possível, por fim, o desenvolvimento desta escrita.

### **Avanços da Educação Ambiental e possibilidades na educação escolar**

No ambiente escolar, as crianças são estimuladas constantemente a aprender e interagir com o ambiente e com outras crianças; para tanto, os professores se utilizam de diferentes estratégias que potencializam a aprendizagem e, nesse processo, a partir das interações, se apropriam com maior facilidade do conhecimento.

Nessa fase da educação escolar, as crianças trazem inúmeras curiosidades, estão envoltas em um processo de descoberta que contribui de maneira intensa para a sua formação; Essa etapa geralmente é vivida de forma prazerosa, pois, nesse período da infância, as crianças são bastante curiosas, o que facilita sua interação com o ambiente e com outras pessoas com as quais convivem. Levi Vygotsky (1996), numa perspectiva sociointeracionista, contribui para pensar o desenvolvimento humano, que segundo ele, ocorre por meio de trocas em que diferentes sujeitos fazem no meio social, através de processos de interação e mediação. Nesse sentido, os professores e a família, incentivando diferentes vivências das crianças, contribuem para que ampliem seu conhecimento e, desde cedo, reconheçam-se como parte do ambiente e protagonistas de suas transformações. As interações

vivenciadas no ambiente familiar e escolar permitem que os pequenos estudantes observem, opinem e cobrem atitudes, sejam elas dos familiares, dos professores e da própria comunidade onde estão inseridos.

No decorrer do desenvolvimento humano, na transição da infância para a adolescência, muitas mudanças acontecem com os jovens e, muitas vezes, a forma de pensar e de conceber diferentes assuntos também se modifica. Na formação educacional, com o avanço dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental, as formas de estudar os conteúdos e construir conhecimentos tornam-se mais complexas e elaboradas. Esse processo requer dos professores o desenvolvimento de habilidades para trabalhar a sensibilização dos alunos em relação a uma grande diversidade de temas, dentre eles, a Educação Ambiental.

Consideramos importante abordar brevemente o surgimento desse termo e algumas reflexões sobre a Educação Ambiental no contexto educacional. De acordo com Ormezzano e Poma:

Os primeiros movimentos envolvendo a educação ambiental, no Brasil, realizaram-se na década de 1960, quando seus membros começaram a discutir a situação ambiental do país e do planeta. Contudo, foram os intensos debates político-culturais do final da década de 1970 que fundamentaram a formação dos primeiros educadores ambientais, demonstrando enfoques filosóficos, políticos e pedagógicos, com grande diversidade em relação a conteúdos, metodologias e resultados. (ORMEZZANO E POMA, 2013, P. 220).

Anteriormente a esse período não existiam pesquisas abrangentes e aprofundadas voltadas à Educação Ambiental, e as políticas públicas nacionais não abarcavam debates sobre as formas de uso do espaço ocupado pelas sociedades humanas. A década de 1960 marcou o início das mudanças, evidenciando a necessidade de repensar o modelo capitalista que se moldava e que intensificou, cada vez mais, as ações humanas. Tornava-se, então, necessário considerar o sistema econômico vigente e o modelo de desenvolvimento que se adotou, além das relações sociais que rapidamente se alteraram e contribuíram, gradativamente, para a degradação do meio ambiente.

Desse modo, fortaleceram-se as bases para a construção de novas propostas educacionais, no intuito de ampliar os estudos e a aplicabilidade da Educação Ambiental no contexto escolar. Porém, tem-se ainda um longo caminho a percorrer para que seu debate fortaleça-se e torne-se contínuo nas instituições escolares.

Numa tentativa de conceituar a Educação Ambiental, Loureiro afirma que:

Podemos definir a Educação Ambiental como sendo uma práxis social que, ao favorecer a interdependência constitutiva entre o eu e o outro em relações sociais na natureza, estabelece processos dialógicos com a finalidade de emancipar as pessoas e transformar a realidade por

meio de um processo reflexivo e politicamente comprometido com a revolução das subjetividades e práticas nas estruturas societárias capitalistas. (Loureiro, 2007, p. 21).

A Educação Ambiental, como um processo contínuo, precisa ser pensada por meio de construções dialógicas, através do olhar coletivo em relação às diferentes estratégias possíveis de serem desenvolvidas no contexto local, indo além das discussões propostas através das leis e de artigos científicos destinados à comunidade acadêmica, os quais são muito importantes, mas que poucas vezes chegam ao conhecimento dos cidadãos em seu cotidiano e, por isso, são pouco debatidas pela sociedade.

Por meio de avanços em seu debate, a Educação Ambiental incorporou uma nova proposta de vida e de compreensão do mundo, Segura (2001) considera que a Educação Ambiental incorporou valores éticos, estéticos, democráticos e humanistas, partindo do princípio de respeito às diversidades natural e cultural. A autora salienta que a Educação Ambiental:

Fortaleceu-se no contexto de multiplicação de problemas ecológicos, tendo como missão conscientizar a população sobre os efeitos da poluição e formas de preveni-los, mudando, assim, o curso histórico de degradação socioambiental provocada pela ação humana. Paralelamente à intensificação do movimento ambientalista no cenário internacional, a partir da década de 60, suas responsabilidades foram se ampliando. Já não era suficiente restringir-se ao estudo da ecologia; A EA passou a ser encarada como um instrumento de construção da cidadania. (SEGURA, 2001, p. 42).

Apesar das proposições e avanços obtidos nesse percurso, há ainda muito a se avançar no sentido de promover ações visando à efetivação de propostas que considerem a Educação Ambiental como um processo continuado. Algumas dessas propostas têm sido debatidas em conferências mundiais que envolvem ações em diferentes partes do planeta. Assim, delimitamos em linhas gerais alguns momentos que marcaram a evolução dos debates em torno dessa temática.

Em 1972, como salienta Passos (2009), ocorreu a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, conhecida como Conferência de Estocolmo, na Suécia. Essa foi a primeira Conferência global voltada para o meio ambiente, e dela resultaram inúmeras questões que continuam a influenciar e a motivar as relações entre os atores internacionais, colaborando para a notável evolução que eclodiu após a Conferência. Em 1977, foi realizada uma Conferência Intergovernamental em Tbilisi, na Geórgia, considerado um dos principais eventos sobre Educação Ambiental do Planeta, do qual surgiram alguns avanços dessa temática.

Já em 1992, no Rio de Janeiro, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, na qual representantes de diversos países debateram sobre possíveis estratégias de desenvolvimento com menor agressão ao meio ambiente. Como resultado da ECO 92,

foram elaborados vários documentos a fim de avançar no combate aos problemas ambientais. Posteriormente, em 2002 a ONU promoveu em Johannesburgo, a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+10). Nesse evento, as discussões englobaram também aspectos sociais. E, mais recentemente, no ano de 2012, no Rio de Janeiro, foi realizada a Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20). Nesse encontro os líderes mundiais das nações participantes comprometeram-se a analisar a agenda para os próximos anos, considerando o compromisso com a sustentabilidade. No entanto, mesmo obtendo alguns avanços, as medidas não tiveram adesão maciça dos participantes e, desse modo, os objetivos propostos anteriormente não foram alcançados ainda e tem-se, assim, um longo caminho na busca por maior comprometimento das nações em relação à efetivação de ações ambientais e de uma proposta de Educação Ambiental.

Há em pauta, atualmente, inúmeras propostas, tanto a nível local quanto a nível mundial, a fim de criar possibilidades de desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, as discussões precisam avançar em diferentes esferas, envolvendo instituições públicas e privadas, instituições de ensino, associações comunitárias, dentre outros espaços em que a Educação Ambiental seja continuamente debatida e colocada em prática para efetivamente alcançar melhorias. Nesse contexto, as instituições escolares, conforme já salientamos, constituem importante espaço para que isso se efetive e se amplie, num processo de sensibilização dos alunos para o pensar/agir/participar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº 9394, reafirma os princípios definidos na Constituição Federal, com relação à Educação Ambiental:

A Educação Ambiental será considerada na concepção dos conteúdos curriculares de todos os níveis de ensino, sem constituir disciplina específica, implicando desenvolvimento de hábitos e atitudes sadias de conservação ambiental e respeito à natureza, a partir do cotidiano da vida, da escola e da sociedade. (BRASIL, LDB 9394/96).

De acordo com o parecer referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental na Educação Básica, entende-se que:

A Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram. A Educação Ambiental avança na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental. (BRASIL, 2013, p. 535).

Considerando a afirmação acima, é importante a criação de propostas de Educação Ambiental nas instituições de educação básica visando sensibilizar os educandos para ações coerentes em benefício de toda a sociedade.

Vislumbrando um processo educacional diferenciado, Segura (2001, p. 45) entende que “a formação deve inculcar o respeito às leis, ao bem público, aos direitos humanos, o sentido de responsabilidade, o reconhecimento da igualdade de todos, o acatamento da vontade da maioria, respeitando-se os direitos das minorias e o respeito a todas as formas de vida [...]”. Diante disso, a educação escolar pode potencializar tais avanços a partir dos espaços de interação e de aproximação dos agentes envolvidos nesse processo.

A interdisciplinaridade pode servir como proposta de transformação da realidade, a partir da interação entre diferentes professores e seus alunos em um contexto de compartilhamento, troca e construção de diferentes conhecimentos. Para Guimarães:

[...] a Educação Ambiental vem sendo definida como eminentemente interdisciplinar, orientada para a resolução de problemas locais. É participativa, comunitária, criativa e valoriza a ação. É uma educação crítica da realidade vivenciada, formadora de cidadania. É transformadora de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de uma nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas ser humano/sociedade/natureza objetivando o equilíbrio local e global, como forma de obtenção da melhoria da qualidade de todos os níveis de vida. (GUIMARÃES, 2007, p. 28).

A mudança de consciência passa pela educação escolar, em ações proporcionadas no decorrer da formação do educando, desde os anos iniciais até os anos finais da educação básica. Porém, a escola não é a única instituição responsável por essa conscientização. Segura defende que:

A escola representa um espaço de trabalho fundamental para iluminar o sentido da luta ambiental e fortalecer as bases da formação para a cidadania, apesar de carregar consigo o peso de uma estrutura desgastada e pouco aberta às reflexões relativas à dinâmica socioambiental. Isto não significa, porém, que a EA limita-se ao cotidiano escolar. Pelo contrário, cada vez mais se expande para os diversos setores sociais envolvidos na luta pela qualidade de vida. E não poderia ser diferente, já que toda a sociedade tem responsabilidade sobre os impactos da ação humana no ambiente. (SEGURA, 2001, p. 22).

Diante disso, para que a Educação Ambiental venha a abranger o maior número de sujeitos, faz-se necessário ampliar ações de sensibilização para além dos muros da escola, indo além dos documentos oficiais e das leis que a regulamentam. Desse modo, um caminho possível é proporcionar a participação dos alunos em projetos que visem investigar e transformar a realidade onde vivem, permitindo-se vivenciar diferentes experiências no convívio com outras pessoas que habitam esse espaço. Consideram-se pertinentes as afirmações de Nérici, quando defende que:

Educação é o processo que visa levar o indivíduo a explicitar e a desenvolver as suas virtualidades, em contato com a realidade, tendo em vista promover o seu desenvolvimento espiritual, a fim de levá-lo a atuar na mesma realidade com conhecimento, eficiência e responsabilidade, para serem atendidas necessidades pessoais, sociais e transcendentais da criatura humana. (NÉRICI, 1985, p. 10).

O autor propõe que seja explorado o desenvolvimento espiritual do homem, desenvolvendo virtualidades com o intuito de construir um novo homem social. Cita a importância da aproximação com a natureza e o estímulo do adulto a essa aproximação. Para Nérici (1985, p. 10), a criança precisa ser sensibilizada para compreender a natureza e conhecer os efeitos negativos da ação humana. É necessário, nesse contexto, estimular o espírito crítico, a criatividade e a capacidade de esforço para que, de fato, a reflexão e a conscientização sejam alcançados.

O processo educativo, por meio do desenvolvimento das diferentes dimensões do ser humano (espiritual, psicológica, social e biológica), amplia a capacidade de percepção de si, do outro e do espaço que permite que as vivências cotidianas se efetivem. Nesse sentido, ao avançar na formação humana, é possível avançar também na formação cultural dos sujeitos envolvidos na aprendizagem e, dessa forma, procurar sensibilizá-los a fim de ampliar o olhar sobre as questões sociais e ambientais.

Em relação à educação e à conscientização ambiental, Rahde (2000, p. 138-139) enfatiza que, à medida em que ocorre a evolução da cultura, torna-se possível maior carga de sensibilidade. Nesse sentido, a educação estética e a comunicação pela estética constituem, também, uma forma de educação sensibilizadora. Assim sendo, pelo viés da Educação Estética, torna-se possível propor experiências que envolvam o aluno como agente de (auto)formação e de (auto)transformação.

### **A educação Estética no processo de sensibilização e conscientização dos educandos**

Procura-se contribuir com o debate sobre a Educação Ambiental em sala de aula através da Educação Estética. De acordo com Ormezzano (2001, p. 54), o termo originário “Estética” provém do grego *Aisthesis* e significa “percepção totalizante, sensibilidade, conhecimento sensível”, o qual é utilizado desde os gregos, que inicialmente usavam-no para o estudo das obras de arte, entre os séculos VIII e V a. C.

A história da estética, como refere Ormezzano (2007, p. 16), e suas relações com os aspectos educacionais do Ocidente, surgem na tradição arcaica grega, aproximadamente entre os séculos VIII e V a. C. Porém, propriamente dita, essa ciência surgiu através do Romantismo alemão. É Kant quem aparece como o marco da estética moderna e depois contemporânea, “superando a dicotomia de que todo conhecimento é inato ou adquirido pela experiência, ele encontrou na tricotomia das faculdades humanas – conhecer, desejar, sentir – o princípio dos sentimentos de prazer e desprazer [...]” (ORMEZZANO, 2007, p. 19). O autor aproxima a razão da vertente empirista do desenvolvimento do pensamento científico, refletindo sobre o fenômeno, não o determinando.



Schiller fez surgir o conceito de educação estética, quando retomou o problema da beleza do ponto de vista da formação humana, aproximando a estética Kantiana com a filosofia da educação de Rousseau e sua própria ideia de sentimento (ORMEZZANO, 2007, p. 19). Na contemporaneidade, Conforme considera Mafessoli, a Estética traz um sentimento mais amplo, “o da empatia, do desejo comunitário, da emoção ou da vibração comum”, quando aborda os usos e costumes da sociabilidade de base, refere-se à sutil ligação entre a “preocupação do presente, a vida cotidiana e o imaginário” (MAFESSOLI, 1995, p. 11).

No entanto, apesar de há muito esse termo estar presente nas artes, no imaginário e também na vida cotidiana, a estética é pouco difundida e, da mesma forma, pouco estimulada no cotidiano. Para Ormezzano, a Educação Estética é:

Muito pouco difundida, um processo em que cada sujeito sente, experimenta e vibra emocionalmente, de modo tal que seu potencial humano se expressa tanto na distinção da singularidade irrepitível como na forte percepção da união dinâmica com seus semelhantes, necessitando e sendo capaz de comunicar seus ideais e a complexidade da sua interioridade, que cobra vida nas ações e obras. (ORMEZZANO, 2007, p. 16).

Sendo assim, a Estética toma o caminho da humanização, do repensar sobre as relações sociais e interações vivenciadas no ambiente, ao permitir que se criem espaços de socialização, de trocas mútuas, de abertura para o diálogo e para a escuta. Esse processo requer constantes reflexões, levando-se em conta que é preciso pensar em ações e transformações que contribuam para melhorar a vida de todos, indo além da racionalidade tão presente em nosso cotidiano.

Para Duarte Jr. (2006) a “educação do sensível” nada mais significa do que nossa atenção, como educadores, dirigida para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas mais ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. Dessa maneira, a Educação Estética possibilita vivências significativas, interagindo de maneira a contemplar diferentes dimensões, indo além dos conhecimentos teórico-conteudistas. Nesse sentido, configura-se como uma possibilidade de aproximar os protagonistas do processo de ensino e aprendizagem com a temática ambiental, estimulando-os a utilizarem-se de seus sentidos na construção de conhecimentos e nas relações estabelecidas nesse espaço.

Ao auxiliar os educandos a aguçar a curiosidade e incentivar a reciprocidade, utilizar-se dos sentidos humanos na aprendizagem, poderá se estabelecer um ambiente agradável e favorável ao processo educativo. Nessa perspectiva, defende-se que a Educação Estética precisa fazer parte do ambiente escolar, em ações de “dentro para fora”, ou seja, “de nós para o outro”, potencializando a expressão de emoções, anseios e contribuindo, assim, para a construção da cidadania. Devemos

articular teoria e prática, “para desvelar a realidade e transformá-la no sentido de fazer com que todos exerçam sua cidadania e aprendam no processo” (LOUREIRO, 2007, p. 25).

Nesse contexto, o professor de Geografia tem a possibilidade de “adentrar” ao mundo do jovem e construir com ele novas perspectivas de leitura do espaço geográfico para compreender suas transformações, vislumbrando uma aprendizagem significativa para o aluno. Conforme explica Sousa (2005, p. 50), citando David Ausebel, para que uma aprendizagem significativa aconteça é preciso que a informação fornecida na forma de conceitos seja integrada ao que o aluno já sabe e possa ser expressa por outros símbolos ou por outras palavras. Assim, o professor poderá garantir que a informação fornecida seja um conjunto de conceitos e ideias que tenham algum significado e não sejam apenas uma mera listagem de fatos.

No ensino da Geografia Escolar, muitos desafios são encontrados, o que demanda, além de uma formação de qualidade dos profissionais, maior abertura para refletir sobre sua própria prática docente. Nesse sentido, mais do que contribuir na construção de conhecimentos, Cavalcanti (2010, p. 26) sugere que os professores precisam propiciar condições para que o educando possa formar, por ele mesmo, um conceito, visto que a transmissão de conceitos de livros ou elaborado pelo professor torna-se ineficaz. Desse modo, contribui para o desenvolvimento do processo criativo do educando, em que este, tomando como base os conhecimentos já adquiridos, e em contato com a realidade vivida, possa sentir-se acolhido e importante na construção de novos conhecimentos.

### **A Educação Ambiental nas aulas de Geografia: Possibilidades a partir da sensibilização estética**

A Geografia, como ciência social, tem buscado conhecer, analisar e compreender a evolução dos espaços ocupados e transformados pelos seres humanos. Nessa construção social está presente a natureza, elemento essencial da vida humana e para a sua continuidade. Diante disso, compreender a Educação Ambiental enquanto tema que precisa estar presente constantemente nos debates na Geografia Escolar, torna os educadores e gestores das escolas, importantes na efetivação de propostas que avancem em relação ao tema.

Nesse contexto, para a escrita do presente artigo, levou-se em consideração a necessidade de trabalhar a temática ambiental, construindo diferentes possibilidades de interação dos educandos por meio de oficinas pedagógicas, para ampliar a percepção humana na sua relação com os demais seres e com o ambiente. Para tanto, ao planejar novas propostas de ensino, torna-se necessário considerar os conhecimentos prévios dos alunos, as possíveis metodologias a serem utilizadas, as estratégias e os recursos didáticos disponíveis à sua efetivação. Como salienta Martins:

A superação de um ensino de Geografia repassador de conteúdos prontos e informativos e o trabalho numa perspectiva que considere a construção de um conhecimento geográfico que envolva a compreensão do espaço numa dimensão crítica e social pressupõem o entendimento de que Geografia queremos que o nosso aluno tenha na escola. Para isso, é necessário buscar referenciais e procedimentos metodológicos que possibilitem uma prática pedagógica renovada e criativa, que promova a autonomia dos alunos. (MARTINS, 2010, p. 141).

Através de oficinas pedagógicas, realizadas em três encontros diferentes, foi possível lançar a proposta de estudo da temática “Educação Ambiental e sensibilização”, disponibilizando espaços de criação e diálogo, procurando estimular o sentimento de pertencimento, tanto quando envolve a relação homem-natureza quanto no envolvimento com o ambiente escolar. Isso se justifica pela evidência de que crianças e jovens têm demonstrado dificuldades em encontrar sentido na aprendizagem escolar e nas relações com o lugar onde vivem. A grande maioria dos alunos não se sente parte do ambiente escolar e compreendem a educação escolar como uma obrigação, sem significado ou razão de existir. Também, com grande frequência, não se sentem parte do lugar em que vivem, e muitos não compreendem sua importância quanto cidadãos que fazem parte das transformações vividas em sociedade.

Em relação ao lugar, Callai (2005, p. 236) salienta que:

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim, o lugar não pode ser considerado/entendido isoladamente. O espaço em que vivemos é o resultado da história de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidades.

A Geografia como ciência social e a própria Geografia Escolar, a partir dos professores desse componente curricular, tem um importante papel social de instigar a “desacomodação”, ou seja, causar inquietações e provocar reflexões em relação aos processos de intensificação dos problemas ambientais e suas consequências.

Nesse caso, especialmente evidenciando o processo de ensino e aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental, precisa-se desenvolver o que Nérici (1985, p. 36), chama de “espírito crítico”. O autor defende o desenvolvimento do espírito crítico, com relação às próprias aspirações, para que não passe a agir como um simples “visionário”, mas que leve em consideração as possibilidades do próprio ser e do meio que o cerca. Num segundo momento, é essencial desenvolver o espírito crítico, a fim de não tornar-se um simples “joguete” nas mãos de outras pessoas, não ser persuadido pelos meios de

comunicação ou pelas ideologias dominantes. Nérici (1985, p. 37) enfatiza, ainda, que o aluno precisa ser desafiado a desenvolver-se de maneira criativa.

O autor destaca também que há a necessidade de desenvolver o espírito de esforço, afinal, nada é conquistado sem que haja uma vontade, um desejo. Segundo ele:

[...] praticamente nada é dado de presente ao homem. Tudo de que ele necessita, precisa ser providenciado por ele mesmo, com base no seu próprio esforço. Talvez, o que gratuitamente lhe seja dado é o ar que respira e que, com o advento da era industrial, está, aliás, a exigir esforços para que o mesmo não se polua de todo. E o mesmo se poderia dizer da água... A educação deve ter em mente, pois, habituar o indivíduo a esforçar-se, mesmo porque esse hábito é básico para o exercício de qualquer profissão séria, produtiva e responsável. O esforço tem o mérito, também, de tornar o indivíduo grato a si mesmo, por fazê-lo sentir-se com disposição de enfrentar os percalços da caminhada da vida. (NÉRICI, 1985, p. 38).

Consideram-se novamente as objeções de Nérici, que avança sobre a ideia de tornar o indivíduo independente, capaz de tomar decisões, ter ideias próprias e desenvolver-se por meio de suas capacidades. Para o autor:

Tornar o indivíduo independente não é torná-lo isolado e desvinculado de quaisquer compromissos com relação a seu semelhante e a sociedade, independente não é aquele que tropeja que “ninguém manda nele...” Pelo contrário, tornar-se independente significa ter alcançado condições pessoais de assumir responsabilidades sócio-morais voluntariamente, de maneira lógica e refletida. Dir-se-ia mesmo que o indivíduo independente é o que orienta a sua via auto-impondo-se dependências refletidas, ditadas pela consciência da responsabilidade, abafando individualismos, exibicionismos, vaidades ou mandonismos. (NÉRICI, 1985, p. 39).

Nesse processo, ao propor no ambiente da sala de aula o pensar sobre o espaço que ocupamos e o ambiente que nos cerca, os professores precisam estar teórico e metodologicamente preparados para “abrir espaços” aos alunos para que possam criar, imaginar e desempenhar um papel ativo na investigação de novas propostas, a partir de suas próprias ideias e anseios. Para Libâneo (1994, p. 69), “o trabalho escolar não se assenta, prioritariamente, nos conteúdos de ensino já sistematizados, mas no processo de participação ativa nas discussões e as práticas sobre questões da realidade social imediata”.

Para tanto, o objetivo proposto para as oficinas de sensibilização estético-ambiental foi dialogar sobre as expectativas quanto ao futuro. Considerou-se as relações dos seres humanos na natureza, levando em conta as necessidades de utilização dos recursos, bem como os cuidados com o ambiente onde vivemos e do qual somos parte. Assim, no decorrer dos encontros, foram realizadas diferentes atividades, em etapas diversas: Inicialmente, no primeiro encontro foram definidos os temas principais de pesquisa, que se aproximassem com a realidade vivida pelos alunos do 9º ano, no cotidiano local. Assim, foram pesquisados artigos nas Revistas “Nova Escola”, “Geografia: conhecimento prático” e

“National Geographic”, tornando possível que, em pequenos grupos, fossem definidos referenciais para a abordagem dos temas, elencando principalmente as transformações do espaço geográfico e a ampliação dos problemas ambientais nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI.

Após escolhidos os temas de análise, foram definidos os principais assuntos a serem desenvolvidos durante as demais oficinas. Os grupos, formados por trios, estabeleceram seus temas de estudo, a saber: produção de resíduos, consumismo, consumo de energia e desmatamento. Desse modo, durante a semana seguinte os educandos, através de pesquisas adicionais, aprofundaram a pesquisa sobre os temas em debate no primeiro encontro, além de levar como tarefa de casa a leitura do artigo da revista, a qual serviu de pano de fundo para as discussões do grupo.

No segundo encontro, após debate inicial sobre a definição de “Educação Ambiental” e sua importância nas reflexões escolares, foi proposta uma atividade de sensibilização estética, utilizando sons e poesias. Nessa etapa, foram utilizados dois fragmentos que, a partir de sua sonoridade, instigaram os alunos a construir uma “imagem” a partir do som. A atividade foi realizada com olhos vendados, tendo como intuito estimular a audição e o imaginário, culminando com o diálogo de cada grupo e a construção do desenho, sendo que os quatro grupos, compostos por três integrantes cada, realizaram as atividades propostas.

O primeiro “fragmento sonoro” tocou durante um minuto, e posteriormente foi descrito pelos alunos (nos seus respectivos grupos) a partir de desenho, no qual teve destaque: a) sons da floresta, passos humanos, ocupação das matas; b) diálogo entre diferentes vozes que emergiam em meio aos sons da mata, contato entre povos; c) contato entre diferentes povos, domínio, conhecimento indígena d) aproximação entre indígenas e brancos com a chegada dos portugueses ao Brasil e início da exploração do território. O segundo “fragmento sonoro”<sup>1</sup> tocou durante um minuto e foi assim descrito pelos grupos: a) sons oriundos do tráfego intenso de carros; b) sons de buzina, vozes em diferentes intensidades; c) agitação urbana, movimento, fluxos intensos; d) tráfego de carros e pessoas, grandes cidades, trocas culturais.

Posteriormente, em pequenos grupos, os alunos apreciaram e refletiram sobre algumas poesias do professor e poeta Luiz Carlos Flávio. As poesias têm relação com os temas escolhidos pelos grupos no primeiro encontro e, após apreciadas, foi realizada a socialização das principais ideias. As poesias utilizadas têm como título: “Dia da terra”, “Impactos humanos”, “Conversa com a Terra”, “Se a máquina domina o homem”. Por fim, como tarefa para a semana foi solicitado que, a partir dos temas escolhidos, fossem pesquisados materiais que pudessem ser utilizados na apresentação da pesquisa. Nesse processo, os alunos foram desafiados a procurar na comunidade em que vivem, possíveis ideias para a

apresentação dos temas, utilizando imagens, sons, figuras, desenhos, pinturas, elementos da natureza, etc.

Num terceiro momento, em turno inverso, foi destinado um tempo para a preparação do ambiente em que seria realizada a exposição e apresentação das pesquisas. Assim, cada um dos grupos dedicou-se à organização do que foi denominado como “ambientes temáticos”, criados pelos grupos nos dois corredores da escola. Nesses ambientes foram fixados painéis de fotografias tiradas nas comunidades rurais em que vivem estes alunos, contendo imagens da transformação do meio ambiente do lugar em que residem. Trouxeram, também, exposição de resíduos domésticos (orgânicos e inorgânicos) que estavam sendo descartados de forma incorreta em diferentes lugares nas comunidades.

No último encontro foi realizada a apresentação pelos alunos nos ambientes temáticos, que serviram também de espaço para intervenções em vídeos e sons, apresentados aos demais alunos da escola. Destaca-se ainda que nos “varais suspensos” nos corredores, os grupos apresentaram o “antes” e o “depois” em imagens sobre o Planeta Terra e suas paisagens, em que o antes representa a preservação e o processo atual de descaso em relação ao meio ambiente. Outro “varal suspenso” expôs ideias de preservação ambiental e redução do consumo de energia, além da conscientização sobre o consumo desenfreado, que tende a intensificar os problemas ambientais.

A experiência de sensibilização, proposta durante os encontros, considerou a utilização dos sentidos humanos na construção da pesquisa, tendo destaque três deles: visão (imagens), olfato (experiência com o lixo) e audição (sons), por meio dos quais os alunos apresentaram, na escola, as experiências construídas no decorrer dos encontros. A exposição recebeu como título “Educação Ambiental em sala de aula: nossas experiências”.

Por fim, o trabalho culminou com uma atividade de pesquisa em usina de reciclagem que atende ao município, realizada no mês seguinte à conclusão da exposição dos resultados. Destaca-se, ainda, que a avaliação da aprendizagem ocorreu no decorrer do processo de construção da pesquisa e durante a apresentação dos resultados.

Considera-se que, a partir dessa atividade, tornou-se possível aliar pesquisa teórica e prática na construção de novos conhecimentos, contemplando atividades que estimulassem a participação de todos, o diálogo, a interação com o lugar de vivência cotidiana e algumas propostas de educação sensibilizadora, num processo de aprendizagem comprometida com a conscientização dos alunos e sua formação cidadã.

A partir da construção das oficinas foi possível perceber que os educandos, em sua formação escolar, têm a necessidade de desafiar seus próprios limites, conhecer coisas novas e, quando

desafiados, sentem-se estimulados a ir além na busca de respostas e possibilidades de agir socialmente. Porém, essas características geralmente são pouco exploradas no ambiente escolar. Passam-se horas e horas abordando conteúdos estritamente teóricos, os quais são necessários, mas precisam ser intercalados a atividades variadas, as quais possam potencializar diferentes habilidades nos alunos, indo além das tradicionais leituras e interpretações de textos, e de atividades mnemônicas. Isso se justifica pela necessidade humana, acentuada geralmente na adolescência, de se expressar, participar, interagir, emitir suas opiniões, defender suas ideias e colocar em prática diferentes projetos.

Portanto, verifica-se que essa proposta avançou no sentido de ampliar a interação entre os alunos de diferentes turmas e dos alunos do 9º ano com a comunidade local, a partir da pesquisa de informações, da conceituação da Educação Ambiental e das discussões possíveis no cotidiano da vida e no contexto escolar. Ainda, pela busca por materiais na comunidade e de informações a partir de leituras teóricas que servissem como subsídio para a conclusão do trabalho. Nesse sentido, a experiência possibilitou reflexões sobre a atuação dos seres humanos no espaço e a responsabilidade de cada um de nós pelas ações em relação ao meio ambiente.

A sensibilização proposta, a partir de experiências de educação estética nas aulas de Geografia, tendem a potencializar, no contexto da sala de aula, o desenvolvimento do olhar do aluno em formação para elementos que vão além da compreensão dos conteúdos e construção de conhecimentos pela leitura e a escrita. Desenvolver a sensibilização nas aulas de Geografia pode servir para que, a partir das experiências criadas na escola, o aluno possa intervir em questões sociais, que dizem respeito à vivência cotidiana, às relações de cidadania que este experimenta no decorrer da vida.

Portanto, no ensino de Geografia, aliar o conhecimento teórico com a atuação prática do estudante, mediado por processos de sensibilização, pode contribuir para sua atuação frente a problemas que dizem respeito à sociedade, como a Educação Ambiental, abordada no decorrer deste escrito.

### **Considerações finais**

Compreender as implicações das ações humanas sobre o meio ambiente torna-se um desafio para todos nós, sendo necessário pensarmos novas maneiras de atuar em sociedade, a fim de melhorar nossas ações em relação ao espaço que ocupamos.

A Educação Ambiental apresenta-se como um grande desafio às sociedades do século XXI, e precisa ser pensada tanto no ambiente escolar quanto em comunidade, de maneira consciente, sensível e comprometida, visto que somos parte do ambiente e responsáveis pela sua construção ou destruição.

Essa conscientização precisa perpassar o trabalho docente no ambiente escolar, contribuindo para a aprendizagem significativa dos educandos. Nesse contexto, o estímulo para a pesquisa no lugar em que vivem, junto “aos seus”, e a construção de conhecimentos por meio da conscientização e da sensibilização estética, pode auxiliar na promoção de melhorias nas condições de utilização dos recursos naturais, a fim de reduzir os impactos ambientais e as agressões ao nosso Planeta.

Portanto, o ensino escolar de Geografia configura-se como um espaço de desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva em torno da Educação Ambiental, que pode ser amplamente debatida e potencializada a partir de contribuições da Educação Estética, auxiliando na construção de um processo educativo mais significativo e sensibilizador, em que os alunos atuem ativamente nas diferentes etapas da pesquisa e, desse modo, construam-se como cidadãos participativos e engajados nas causas sociais e ambientais.

### Referências

- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- CALLAI, Helena C. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago., 2005.
- DUARTE Jr. João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 4. ed. Curitiba: Criar Edições Ltda., 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor. 14. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOUREIRO, Carlos F. B. Pesquisa-ação participante e Educação Ambiental: uma abordagem dialógica e emancipatória. In: TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos, Org. A pesquisa-ação-participante em educação ambiental: reflexões teóricas. São Paulo: Annablume; Fapesp; Botucatu: Fundibio, 2007.
- MAFESSOLI, Michel. A contemplação do mundo. [tradução de Francisco Franke Settineri]. Porto Alegre: Artes e ofícios: Ed.1995.
- MARTINS. ROSA E. M. Wypczynski. Os desafios do processo formativo do professor de Geografia. 2010. Tese (Doutorado em Geografia). Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- NÉRICI, EMÍDIO G. Educação e Ensino. São Paulo: Ibrasa, 1985.
- ORMEZANO, Graciela. (org.). Educação Estética: abordagens e perspectivas. Em aberto. Brasília, v. 21, n.77, p. 1-148, jun. 2007.
- \_\_\_\_\_: Graciela P. Silviani Teixeira. Educação socioambiental, imaginário e Artes Visuais. Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 219-232, jan./abr. 2013.
- \_\_\_\_\_: Graciela P. Imaginário e Educação: entre o homo Symbolicum e o homo estheticus. Tese de Doutorado em Educação: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- PASSOS, Priscilla N. C. de. A conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente. Direitos Fundamentais e Democracia. v 6. 2009. ONU. RIO+20. Conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro, jun. 2012. <http://www.onu.org.br>. Acesso em 04 de julho de 2016.
- RAHDE, Maria Beatriz Furtado. Imagem, Estética Moderna & Pós-Moderna. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.



SEGURA, Denise de Souza Baena. Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

SOUSA, Oscar C. de. Aprender e ensinar: significados e mediações. In: TEODORO, Antônio.

VASCONCELOS, Maria Lucia. (org.) Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. 2ª ed. São Paulo: Mackenzie; Cortez, 2005.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

(Recebido em 06-08-2016; Aceito em 03-08-2017)